

Uma avaliação das necessidades de formação de jovens economistas e gestores não deve ser isolada nem do tipo de procura que a eles se dirige, nem dos recursos de formação disponíveis.

As escolas de formação de economistas e gestores estão hoje convencidas que a melhor formação para os seus alunos é a designada de “banda larga”. Quer isto dizer: não os especializem, procurem antes dar-lhes capacidades e inculir-lhes uma atitude que os levem a adaptarem-se às necessidades dos empregadores e a fazerem uma especialização que os realizem como homens e mulheres. É bem de ver que o alcance de “banda larga” não se reduz a uma receita para todos os tempos e lugares.

A qualificação académica dos formadores tem tido uma evolução diferente no caso dos economistas e dos gestores. Ela aumentou muito mais depressa e há mais tempo em economia que em gestão. Penso que duas razões, de peso diferente, terão sido responsáveis por esta evolução. A mais forte terá sido o elevado custo de oportunidade da carreira académica de um professor de gestão. A segunda razão será o facto de a gestão, ao lado da ciência económica, congregar um conjunto de técnicas e práticas mais dispersas o que levou a criar dificuldades na definição mais precisa do que “é gestão”.

Quando vemos o que se passa com a formação dos economistas e gestores vemos o que os respectivos cursos reflectem aquela evolução dos recursos académicos. Em economia temos uma clara tendência para a existência de cursos de “banda larga”. Encontramos aqui um conjunto de disciplinas do núcleo central da análise económica que são bem conhecidas, estejamos em Shangai, Lima ou Chicago. O peso de cada novo docente doutorado é diluído no conjunto dos recursos existentes. Há 20, ou 25, anos atrás o peso de um novo doutor era grande. A “sua disciplina” seria o último grito do progresso em economia. Podemos hoje verificar que, sem negar a existência de especificidades próprias, existe hoje uma matriz essencial comum aos cursos de economia. O mesmo não se passa com os cursos de gestão. O peso de um novo recurso especializado é por vezes enorme. A tendência para o exotismo é também assim maior. O que significa que a formação dos gestores está mais aberta a modas. E a moda é efémera ! Não passa pela cabeça de um economista alterar o nome de macro ou micro porque evoluiu muito a substância e também a forma do ensino dessas disciplinas. Para já não falar das mudanças sucessivas das designações das contabilidades, veja-se o que aconteceu com a “gestão do pessoal” que passou a “gestão de recursos humanos” e hoje passou a “gestão e pessoas”. A não existência de um código estável para o seu corpo de disciplinas é uma das consequências de uma mais tardia qualificação do corpo de formadores.

Pessoalmente estou convencido que os cursos de gestão evoluirão no sentido de cursos de “banda larga”, no mínimo, ao mesmo ritmo que evoluíram os de economia. Até porque a empregabilidade irá aumentar em consequência dessa passagem. Talvez a evolução verificada em economia tenha sido afinal, e apenas, a resposta ao aparecimento de maiores dificuldades de emprego, ou a consciência do aparecimento dessas dificuldades, por parte dos formadores de economistas. A dificuldade, ou a sua antecipação, aguça o engenho.

Mas a reflexão sobre a formação dos jovens economistas e gestores não se limita ao conceito de “banda larga”. Suponhamos que falamos de um curso com essa característica. Outras questões se colocam. Que oportunidades são dadas ao jovem para, em competência, escolher uma formação adaptada aos seus projectos pessoais e também à sua própria personalidade ? Que oportunidades lhe são dadas para que a sua cultura seja adequada ao que se deve pretender para um futuro quadro dirigente ? Como economista venero a “liberdade de escolha”. Por isso

coloco a questão em possibilidades de escolhas responsáveis dos jovens que se irão licenciar. Sei que esta solução tem os seus contras, mas continuo a pensar que os benefícios são superiores aos seus custos. Quando olhamos para os cursos de economia e de gestão podemos perguntar-nos: onde está a cultura ? A cultura portuguesa e a cultura em geral ? Um economista e gestor não poderá ter conhecimentos universitários em literatura ? Quem fala em literatura, fala em música, em arte em geral. Onde estão os nossos cursos abertos a estes conhecimentos que existem, e são leccionados, nas nossas Universidades ? Por vezes cria-se a possibilidade de uma ou duas disciplinas serem feitas fora do curso de economia e gestão. E é tudo. É como deixar um jovem de 17 anos ir uma vez por mês a uma discoteca. Pode ir, mas que não se vicie!

Feita a análise do ponto de vista da oferta: formamos economistas e gestores incultos ? Só não o são mais porque a procura de cultura por parte dos jovens corrige parcialmente esta situação. Mas isto significa que não estamos a actuar bem no ensino da economia e da gestão.

Referi-me à cultura de uma forma geral, mas poderia referir-me às capacidades de escrita e orais dos jovens economistas e gestores. Quantos docentes neste país não têm de fingir que os erros de escrita são coisas do passado e que a forma da escrita passou a ser livre: hoje cada um escreve como lhe aprouver. E que fazemos nós na Universidade ? Não restam dúvidas que afirmar que um curso é de “banda larga” é apenas um começo, e pouco mais.

A nossa integração europeia é profunda. Os portugueses, mais que os espanhóis e franceses, têm uma certa competência para línguas estrangeiras. Mas se a integração com a Espanha é já tão intensa e crescente não deveriam, alguns dos nossos cursos, ensinar o espanhol ?

Na minha opinião, aos nossos cursos de economia e gestão falta-lhes uma componente marginal à economia, e às outras ciências e técnicas reconhecidas como essenciais, que tenha em conta a formação do “homem” e “mulher” economista ou gestor. Que economista e gestor queremos ? Dada a resposta devemos questionar, como o faremos ? É certo que a nossa Universidade estruturada em Faculdades tem tendência a fechar-se sobre estas e a ignorar-se a si própria e isto é um comportamento fortemente negativo. As nossas Faculdades têm departamentos, o que é uma inversão da Universidade de investigação anglo-saxónica e que afinal pode prejudicar a formação dos licenciados pelo seu fecho. A Universidade, por vezes, está lá para lhe dar o nome e não o saber que por lá até existe.